

Submetido em: 25/10/2024

Aceito em: 09/12/2024

Publicado em: 30/12/2024

## DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS COMO CRITÉRIOS PARA CONSERVAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA:

A casa do arquiteto Camillo Porto em Belém

ARCHITECTURAL DIMENSIONS AS CRITERIA FOR CONSERVING MODERN ARCHITECTURE

*The house of architect Camillo Porto in Belém*

LAS DIMENSIONES ARQUITECTÓNICAS COMO CRITERIOS PARA LA CONSERVACIÓN DE LA ARQUITECTURA MODERNA

*La casa del arquitecto Camillo Porto en Belém*

### JÉSSICA TAVARES

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/UFPA,  
jessicatavares.arquitetura@gmail.com.

### CELMA CHAVES

Doutora em Teoria e História da Arquitetura, FAU/PPGAU - UFPA,  
celma@ufpa.br.

#### RESUMO

O artigo busca promover um novo olhar sobre a arquitetura residencial moderna de Belém, com ênfase na produção do engenheiro e arquiteto Camillo Porto de Oliveira. Introduzida na capital paraense por uma geração de profissionais motivados pela modernidade, esta arquitetura dialoga com o que era produzido em nível global, nacional e local. Caracterizadas por soluções inovadoras como o *split-level*, a integração dos interiores e as relações de espaços interior e exterior, estas residências representam não apenas uma nova estética, mas novas concepções espaciais que se distanciam de padrões tradicionais até então vigentes na cidade. O objeto de análise é a casa do arquiteto localizada na Rua Presidente Pernambuco, bairro de Batista Campos, Belém, Pará. A metodologia adotada consiste em uma abordagem histórico-interpretativa e qualitativa, explorando três dimensões arquitetônicas: socioespacial, tectônica e da conservação. Essas dimensões permitiram compreender a linguagem destas residências modernas, bem como as mudanças que afetam seu estado material, funcional e simbólico. O estudo enfatiza a importância de estratégias de conservação que podem evitar a obsolescência das casas modernas, levando em conta seu valor histórico, arquitetônico e cultural. Além disso, discute os impactos e desafios das mudanças de uso para a conservação da identidade arquitetônica do patrimônio moderno, e contribui com a construção de sua historiografia na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Camillo Porto; residências; arquitetura moderna; Belém; conservação.

## ABSTRACT

*The article seeks to promote a new look at modern residential architecture in Belém, with an emphasis on the work of engineer and architect Camillo Porto de Oliveira. Introduced in the capital of Pará by a generation of professionals motivated by modernity, this architecture dialogues with what was produced on a global, national and local level. Characterized by innovative solutions such as split-level, the integration of interiors and the relationships between indoor and outdoor spaces, these residences represent not only a new aesthetic, but new spatial concepts that move away from traditional standards previously in force in the city. The object of analysis is the architect's house located on Rua Presidente Pernambuco, neighborhood of Batista Campos, Belém, Pará. The methodology adopted consists of a historical-interpretive and qualitative approach, exploring three architectural dimensions: socio-spatial, tectonic and conservation. These dimensions allowed us to understand the language of these modern residences, as well as the changes that affect their material, functional and symbolic state. The study emphasizes the importance of conservation strategies that can prevent the obsolescence of modern houses, taking into account their historical, architectural and cultural value. Furthermore, it discusses the impacts and challenges of changes in use for the conservation of the architectural identity of modern heritage and contributes to the construction of its historiography in the Amazon.*

**KEYWORDS:** Camillo Porto; residences; modern architecture; Belém; conservation.

## RESUMEN

*El artículo busca promover una nueva mirada sobre la arquitectura residencial moderna en Belém, con énfasis en la obra del ingeniero y arquitecto Camillo Porto de Oliveira. Introducida en la capital de Pará por una generación de profesionales motivados por la modernidad, esta arquitectura dialoga con lo producido a nivel global, nacional y local. Caracterizadas por soluciones innovadoras como la división de niveles, la integración de interiores y las relaciones entre espacios interiores y exteriores, estas residencias representan no sólo una nueva estética, sino también nuevos conceptos espaciales que se alejan de los estándares tradicionales previamente vigentes en la ciudad. El objeto de análisis es la casa del arquitecto ubicada en la Rua Presidente Pernambuco, barrio de Batista Campos, Belém, Pará. La metodología adoptada consiste en un enfoque histórico-interpretativo y cualitativo, explorando tres dimensiones arquitectónicas: socioespacial, tectónica y de conservación. Estas dimensiones nos permitieron comprender el lenguaje de estas residencias modernas, así como los cambios que afectan su estado material, funcional y simbólico. El estudio enfatiza la importancia de estrategias de conservación que puedan prevenir la obsolescencia de las casas modernas, teniendo en cuenta su valor histórico, arquitectónico y cultural. Además, discute los impactos y desafíos de los cambios de uso para la conservación de la identidad arquitectónica del patrimonio moderno y contribuye a la construcción de su historiografía en la Amazonía.*

**PALABRAS CLAVES:** Camillo Porto; residencias; arquitectura moderna; Belém; conservación.

## INTRODUÇÃO

A partir da década de 1930, o Brasil passaria por um momento de mudança cultural, econômica e política, resultante de um período de modernidade experienciada em função do novo governo nacional do Presidente Getúlio Vargas. Em nível mundial, a eclosão do Movimento Moderno e a ruptura com *École des Beaux-Arts* desde o início do século XX, evidenciariam o racionalismo como princípio, apresentando um novo modo de viver e pensar. As questões acerca da nova casa moderna deveriam responder às pautas dos problemas humanos, culturais, climáticos e higienistas (HERNÁNDEZ, 2014). No campo da arquitetura, novos materiais e técnicas tornam-se protagonistas, abrindo caminhos e proporcionando liberdade nas produções, trazendo consigo o sinônimo de inovação construtiva e refletindo-se nos traços modernos, com mudanças que catalisariam uma nova cultura arquitetônica. A plasticidade do concreto armado unido à sua eficiência e inovação, e à necessidade de se conceber habitações em larga escala, culminaria em casas despidas de ornamentos, em que a estrutura passa a ser o cerne da construção.

Desenvolvida sob diferentes impulsos, esta arquitetura adaptou-se a cada um dos contextos em que se inseriu (MATOS, 2020). No Brasil, a industrialização tardia definiu certos limites ao padrão habitacional industrializado, o que promoveu programas de caráter tradicional em paralelo a experimentações, culminando em exemplares de linguagem moderna, mas com interessantes referências a elementos históricos. Enquanto na Europa a questão da habitação moderna se apresenta na produção em larga escala, no Brasil, espaços do habitar moderno surgem em muitos casos, como sinônimo de *status*. A aproximação com os Estados Unidos no período pós Segunda Guerra, e a modernidade dos ambientes residenciais norte-americanos modificariam a maneira como a imagem desta arquitetura chegaria ao Brasil, principalmente nas casas projetadas para uma classe que surge a partir da década de 1950. Os traços das novas casas estadunidenses eram observados com atenção e incorporados por meio do contato com as mídias da época (JANJULIO, 2014), resultando, desta maneira, num processo transferência cultural, recepção e assimilação dos atributos dessa arquitetura.

Em cidades onde inexistia um quadro industrial consolidado, a incorporação da modernidade se daria de maneira distinta. Em Belém, uma primeira modernidade durante a *Belle Époque* se manifestaria desde as vestimentas aos utensílios domésticos, do modo de habitar às novas produções arquitetônicas. As melhorias durante a administração de Antônio Lemos (1897-1911), diretamente relacionadas ao capital acumulado no período áureo de exportação do látex, construiriam um período promissor, não só na economia, bem como no imaginário da sociedade, alavancando a capital paraense a sinônimo de cidade progressista. O declínio desta economia, resultante da concorrência externa, e também dos vultosos empréstimos realizados pelo intendente Lemos junto aos bancos, resultaria em retração das intervenções municipais e da construção dos espaços ecléticos, que se desenvolveram principalmente nas áreas centrais da cidade (PONT VIDAL; DE ARAÚJO LIMA, 2018). Os desejos de mudança seriam retomados na década de 1930 com a nova conjuntura nacional e com Magalhães Barata como governador do Pará e seus sucessivos intendentes. Estas administrações buscaram recuperar, de certa forma, um espírito de modernidade sob outras bases econômicas, sociais e políticas, com novas diretrizes de urbanização e ruptura com o ecletismo.

Desta vez, a modernidade teria como discurso ideológico, inspiração formal e expressões arquitetônicas a cultura estadunidense, fomentada pelos Acordos de Washington assinados em 1943, e por um novo intento de recuperação da economia da borracha, que não obteve êxito (CHAVES, 2017).

A modernidade da linguagem arquitetônica em prédios institucionais e ações de modernização de infraestrutura urbana, anunciava a fase incipiente de reerguimento econômico e de ascensão de capital para o setor da construção, principalmente a arquitetura vertical. A partir da década de 1940, a área onde se localizava o principal eixo de modernização da cidade naquele momento, a avenida Presidente Vargas e suas transversais, seria o *locus* da modernização arquitetônica, dos modos de habitar e dos novos usos que os grupos sociais emergentes adotaram, muitas vezes impulsionados pelas benesses públicas, seja em incentivos financeiros ou na oferta generosa de terrenos para a construção dos novos edifícios.

Uma nova geração de arquitetos e engenheiros começa a projetar motivada pela nova visão de mundo, pelo entusiasmo na consolidação da profissão e de sua participação no progresso da cidade, como se observa no surgimento de inúmeras imobiliárias e empresas incorporadoras – o engenheiro Judah Levy foi um destacado profissional da construção na cidade nesse período – conforme se observa nas propagandas veiculadas na imprensa escrita da época.

A experiência da nova casa moderna será recebida com entusiasmo pelos novos profissionais liberais da classe em ascensão. Neste cenário, destacar-se-ia Camillo Porto de Oliveira (1923-2005), engenheiro e arquiteto que nutria forte apreço pela cultura estadunidense e pela arquitetura moderna carioca e paulistana. Suas experiências no sudeste do país e nos Estados Unidos no início dos anos 1950 lhe permitiram estruturar uma visão pioneira sobre arquitetura moderna, que carregaria traços comuns ao movimento, mas com a adoção de soluções projetuais particulares e adaptadas às condições ambientais locais, conforme apontam estudos sobre essa arquitetura (TAVARES, 2022; CHAVES, 2004, 2008). Sua arquitetura seria então um expoente do moderno em Belém, produzida em um cenário de grandes transformações nacionais e locais, e reconhecida até a atualidade por seu caráter inovador. Apesar desse reconhecimento, constata-se um comprometimento considerável na conservação das residências projetadas por ele na cidade.

Sabe-se que desde a década de 1960 identifica-se em exemplares da arquitetura moderna ao redor do planeta, um perceptível estado de degradação. Debates acerca de sua preservação tem se avolumado, mediante as ameaças à materialidade e simbolismos dessas obras. No Brasil, embora instrumentos e medidas de salvaguarda da arquitetura moderna nacional tenham sido apresentados desde o princípio do movimento, se restringiram a um grupo específico de obras, projetadas por nomes famosos, em detrimento de outros profissionais de outras regiões do país com um legado arquitetônico também expressivo. Sentimentos paradoxais em relação ao moderno deslocaram esta arquitetura a um lugar de incertezas, baixo apreço, impessoalidade e conseqüentemente descaso. No que tange às residências, este lugar torna-se mais nebuloso, pois delega apenas aos projetistas e proprietários o papel de autoridade exclusivo, quase que intocável (OKSMAN, 2017).

Os debates acerca da arquitetura residencial moderna ainda são rodeados por algumas dúvidas e preconceitos. Como preservar edifícios recentes tecnológica e materialmente? Ou como intervir sem perder certos valores de autenticidade? Assim, para além do objeto físico, faz-se necessário pensar no bem como um construto da época, que carece de análises da tectônica por completo (FRAMPTON, 1999). Compreender a casa como a materialização de um momento, “o fato” petrificado (WAISMAN, 2013), pode garantir sua longevidade por meio de ações conservativas e preventivas. Desta maneira, novas investigações e abordagens se fazem necessárias nos estudos do objeto, destacando-o como portador de uma linguagem a ser decifrada.

## **A CASA E AS DIMENSÕES DA ARQUITETURA MODERNA**

Em uma complexa trama, a casa demanda a observação de seus aspectos físicos e abstratos, considerando tanto aqueles que fazem dela um lar, quanto os que perpassam seu entorno. As motivações pessoais ou profissionais, internas ou externas, “pistas” de um período de transformações sociais e tecnológicas, fazem do objeto arquitetônico o testemunho sobre o qual se pode inter cruzar informações diversas (WAISMAN, 2013). Morar enquanto fato antropológico (SEGAUD, 2016) evoca além da finalidade prática de abrigo, em um nível metafísico, o reflexo da breve passagem do homem pelo lugar (PALLASMAA, 2006). De fato,

marcar a passagem pelo território eterniza as memórias e produz um microcosmo particular, dotado de tanta personalidade e particularidades que se confunde com seu próprio criador. A casa, mais do que qualquer outro edifício, será a mais pura expressão daqueles que a fazem espaço-símbolo, tornando o lugar dos homens sua linguagem, seu domínio, sua expressão de poder e interação com o *genius loci*. Desta forma, a casa será então o lugar dos afetos, das significações, que tanto recebe quanto doa ao seu criador características intrínsecas a ambos.

A casa moderna e o papel do arquiteto no Brasil (principalmente com a regulamentação da profissão), coexistem de modo a criar uma articulação singular entre o ofertante das formas e o cliente. A casa mais do que apenas a ‘casa do cliente’, passa a ser a mensagem do arquiteto. Torna-se o campo de batalha dos gostos e das expectativas (GUI ROSATTI, 2019). Propagandeada pelo cinema e pelas revistas, esta casa representaria o “estilo de vida americano”, associado a um padrão de vida elevado (JANJULIO, 2014). Para a classe média que se estruturava na década de 1950, as mudanças no modo de morar e nas formas, eram a aceitação do inevitável novo. Espacializar o novo demandaria integrar os interiores, romper com os antigos ambientes de uso específico, e desenvolver um novo *habitus* nos usuários, a fim de aceitarem o espírito da época e se apropriarem de tudo que os faria modernos.

### **Dimensões arquitetônicas como critérios de análise**

Destacando as casas como testemunhos históricos é possível identificar suas intenções projetuais, seus significados e causas de sua permanência e/ou declínio (WAISMAN, 2013). Identificando-se que existe um declínio material na arquitetura residencial moderna, frente às demolições, abandonos e mudanças de uso sem qualquer respeito às características originais do imóvel,

iniciou-se a reflexão sobre essa problemática. Considerando este declive sob três aspectos: deterioração física, obsolescência nos usos originais e apagamento de seu significado social e cultural (CALDUCH CERVERA, 2009), buscou-se aporte em outros teóricos que tratassem o tema a partir de olhares mais amplos. A partir dos enunciados de Afonso (2019) sobre métodos de investigação arquitetônica por meio de dimensões, achou-se uma alternativa de observação dos aspectos físicos e abstratos das residências. A partir destas reflexões pode-se identificar pormenores da existência da casa moderna, contribuindo com sua visibilidade em contextos culturais onde ainda recebe pouca atenção. A fim de embasar o discurso da obsolescência/permanência da casa moderna, três dimensões ampliadas traçaram caminhos investigativos sobre o objeto arquitetônico em suas diversas esferas: *dimensão socioespacial*; *dimensão tectônica*; *dimensão da conservação*.

A primeira dimensão analisa categorias como concepção, implantação e entorno, buscando princípios projetuais que direcionaram o arquiteto a determinada solução assim como os aspectos simbólicos almejados pela sociedade onde foi construída. Neste ponto, é importante entender o contexto geográfico do terreno dentro da cidade e suas condições. Analisar o entorno como uma categoria de entremeio entre o simbólico e físico, em vista da capacidade de “criar ou destruir” significados dentro de um momento histórico (WAISMAN, 2013). Destacar a dimensão simbólica desta arquitetura para encomendente e arquiteto explicitando as relações que se dão no *campo*, e como o *habitus* e o *capital simbólico* são propriedades valiosas de reafirmação em uma sociedade que privilegia determinados objetos e práticas culturais (BOURDIEU, 1986 apud STEVENS, 2003). A segunda dimensão traz um enfoque aos aspectos visíveis e invisíveis da arquitetura no que diz respeito ao seu objeto, seu fazer e seu potencial expressivo. A materialidade do objeto como todo um sistema construtivo expõe a estrutura, invólucros, superfícies e a técnica como categorias a serem investigadas. A última dimensão destina-se à investigação de mudanças materiais, funcionais, formais, e patologias observadas, de modo a compreender como mudanças e/ou permanências são importantes no processo natural da vida útil dos prédios.

Conhecido o expressivo volume de residências projetadas e construídas por Camillo Porto na capital paraense, coube destacar a residência do arquiteto construída em um dos bairros centrais da cidade. A seleção se deu, então, primeiramente pela mínima descaracterização apresentada nos exteriores, a permanência de uso, registros que comprovassem mudanças ou permanências no objeto, potencial expressivo e cultural, momento profissional do arquiteto e localização na cidade. As pesquisas<sup>1</sup> se deram por meio de uma estratégia combinada da pesquisa histórico-interpretativa e da pesquisa qualitativa (GROAT; WANG, 2013). A primeira se apoia na revisão de literatura e pesquisa documental, e buscou compreender o valor simbólico e social da obra de Camillo, assim como todo o contexto da produção destas casas. A pesquisa qualitativa teve como enfoque a análise formal, espacial e técnica das obras, detectando perdas na materialidade, formas, relações espaciais e mudanças de uso impactantes à obra e as relações com o entorno. Desta maneira, abordada como o objeto de estudo deste artigo, a casa de Camillo Porto coaduna para compreensão da obra e do criador, articulando-se com uma ampliação do olhar sobre a cultura arquitetônica de Belém, e lançando novos olhares sobre o patrimônio residencial moderno da cidade.

## A CASA DE CAMILLO PORTO

Se para os arquitetos europeus a nova arquitetura do século XX se apresenta como causa, discurso e resposta aos problemas da sociedade (HERNÁNDEZ, 2014), para arquitetos de alcance regional como Camillo Porto, a conotação da casa moderna está para o novo *status* do morador. Seu entusiasmo pelo *american way of life* (DENSLAGEN, 2009) permeava o espírito da época, e, para Porto, que já nutria forte apreço por aquele país, seria um incentivo para mudanças em sua arquitetura. Após uma temporada nos Estados Unidos, retorna a Belém com um repertório que antecipa forma e ideias, em uma busca por um novo posicionamento dentro da sociedade. Iniciaria paulatinamente o acúmulo de capital simbólico à medida que ganha destaque com suas produções arquitetônicas.

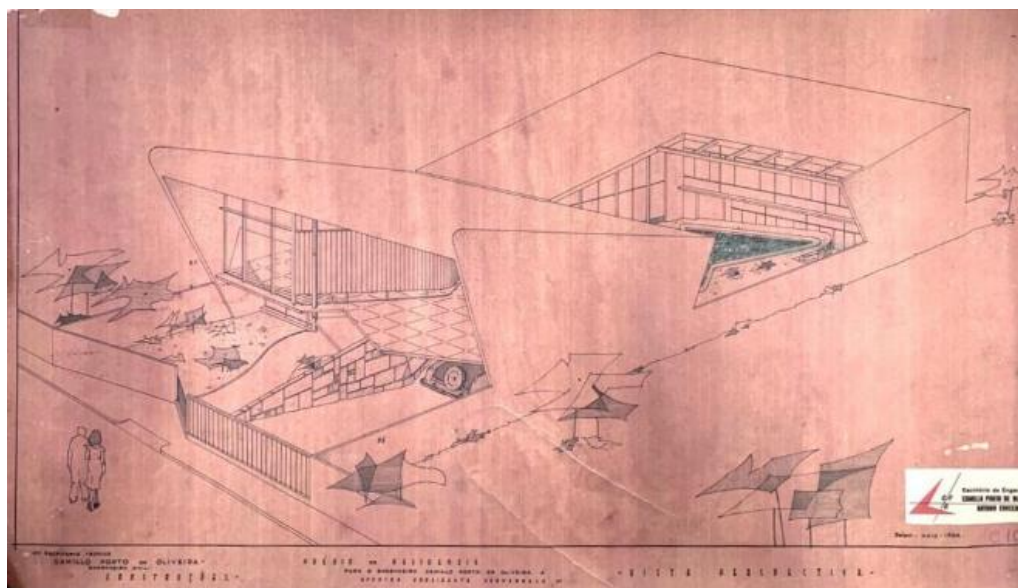
Seu casamento com Maria Amélia Rodrigues Porto<sup>2</sup> em 1947, corrobora a posição social do arquiteto na sociedade paraense (ele e a esposa foram largamente conhecidos nos círculos intelectuais e sociais) o que pode ter impulsionado a inquietação profissional e pessoal na busca pela inovação no campo da arquitetura. Em 1956, o projeto de sua casa na Rua Presidente Pernambuco, bairro de Batista Campos, em Belém, inaugura alguns dos conceitos por ele absorvidos nos Estados Unidos ainda no início daquela década. As soluções adotadas, não vistas antes deste projeto, podem indicar a experimentação e a busca pela aceitação de seus ideais construtivos, possivelmente ainda não tão bem recebidos pelos clientes. Outro ponto de destaque é a menção ao desejo de Camillo em atrair atenção da esposa, que rejeitava morar em Belém, construindo então uma casa com padrões sofisticados e inovadores em relação a tudo que era produzido na capital<sup>3</sup>. A singularidade do projeto impactaria o arquiteto e o homem, lançando bases para o futuro em ambas as esferas (TAVARES, 2022).

Nesse sentido, a casa, seja a sua ou as várias que o arquiteto projeta e constrói entre os anos de 1950 e 1970 para outros clientes endinheirados da cidade, ilustram as novas representações sociais que o morar moderno contribuía para estabelecer: “As representações são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002). Na questão das novas moradias modernas, as propostas entre inovações na distribuição funcional, em expressões formais e uso de novos materiais e soluções, estão a meio caminho entre rupturas de modelos vigentes e sua continuidade. A casa então vai além de caprichos individuais, tornando-se um objeto representativo dos valores sociais e culturais que emergem em determinados extratos sociais, conforme estudos já realizados sobre o tema em Belém (VIDAL; LIMA, 2021; FERREIRA DE SOUZA; CHAVES, 2023).

Localizada em um terreno de dimensões modestas frente aos lotes de seus clientes, o arquiteto usa da aparente desvantagem para implementação de uma arquitetura em níveis, largamente conhecida como *split-level*, solução que hierarquiza e setoriza os interiores, assim como nas casas dos subúrbios estadunidenses. Elencada pelos catálogos de construção da década de 1950, este tipo de casa integra conceitos da casa de rancho ianque às novas necessidades da família moderna (TAVARES, 2022). Este apreço pela cultura dos EUA, reforçado pela política de “boa vizinhança”, faz de Camillo um forte entusiasta das soluções norte americanas, destacando-se o uso de materiais naturais e lâminas de água, assim como faziam Wright e Neutra. Em seu projeto, a residência da Presidente Pernambuco esclarece a importância

contemplativa da obra. A casa se abre para o exterior por meio das cortinas de vidro, emoldurando as ações que se dão no interior. No desenho (Figura 1), o casal em frente à obra (provável representação de Camillo e Amélia) reafirma o *status*, evoca a monumentalidade e transforma o objeto físico em objeto de afetos.

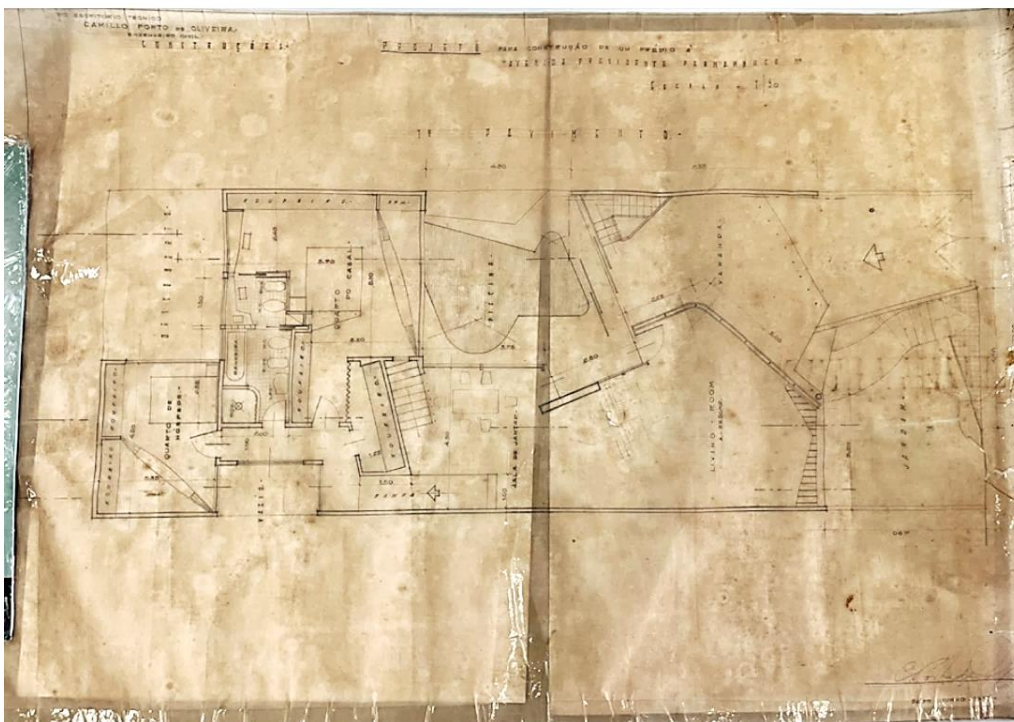
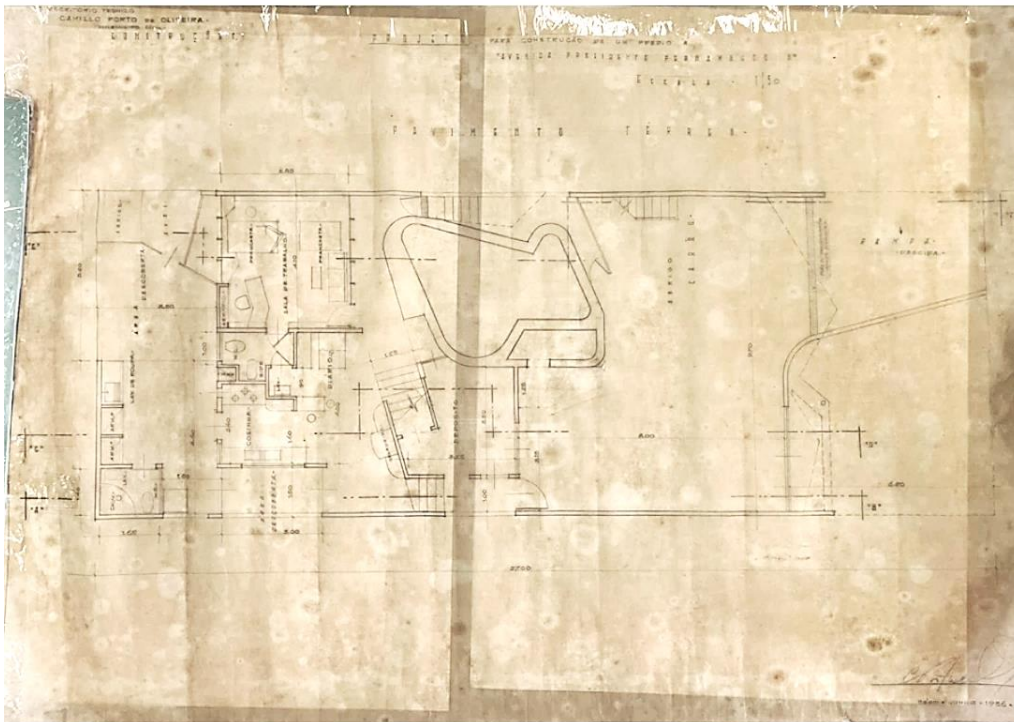
Figura 1: Projeto original que mostra a perspectiva da casa de Camillo Porto (1956).



Fonte: Acervo LAHCA, 2022.

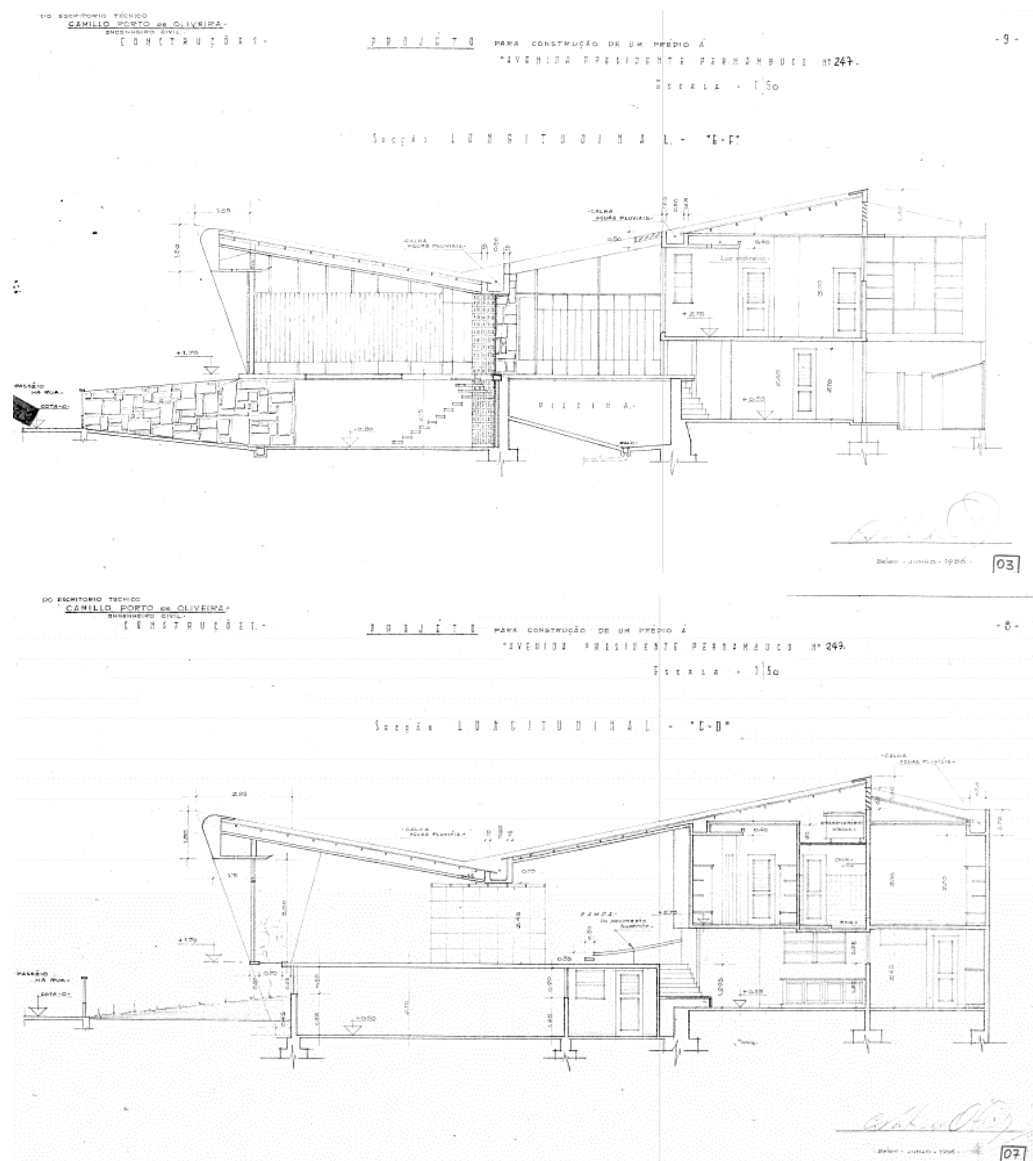
O caráter experimental recorre a soluções pioneiras, como a implantação da piscina interna em um nível mais alto (Figura 2), e o uso de rampa interna em lugar da escada como era habitual nas residências até então. A integração dos espaços sociais que se abrem para um pátio interno, assim como em outros pátios modernos cria uma ambiência própria, “um lugar protegido e relacional” (REIS-ALVES, 2005). A diferenciação dos setores por meio dos níveis tem função simbólica, ao destacar ou resguardar espaços que se julgam mais ou menos apresentáveis aos usuários (SEGAUD, 2016). No nível inferior, cria-se um acesso rotineiro, onde se encontra a garagem com acesso por meio de uma escada ao *living room*. Em um nível um pouco mais alto, as atividades diárias se desenvolvem na cozinha, em uma sala de apoio, lavabo e no escritório do arquiteto. No nível intermediário, o setor social integra ao pátio com piscina. A sala de jantar, a varada e o *living* criam um espaço amplo e sem compartimentações. A rampa na sala de jantar conduz ao nível superior, onde se posicionam os quartos do casal e dos hóspedes.

Figura 2: Planta do projeto da casa de Camillo Porto (1956).



Fonte: Acervo LAHCA, 2022.

Figura 3: Cortes do projeto da casa de Camillo Porto (1956).



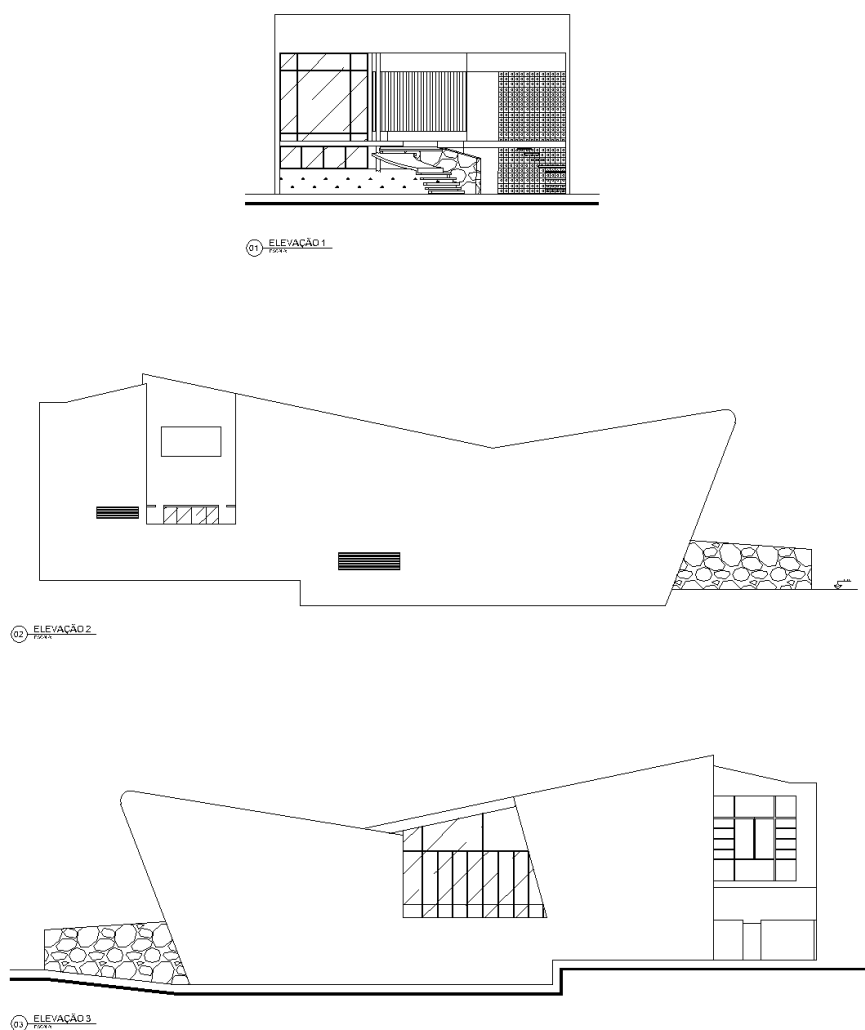
Fonte: Acervo LAHCA, 2022.

Ainda que separados em níveis, os ambientes se integram e se abrem para o setor social, demonstrando um novo paradigma no modo de habitar. O efeito de pavimentos que se sobrepõem, amplia a espacialidade, um artifício que faz a casa parecer maior (Figura 3). A circulação orgânica e os materiais naturais administram os intentos do projetista, e rompem com a linearidade garantindo novas possibilidades de projeto. A implantação da casa, respeita a topografia e cria níveis no seu interior, promovendo a integração da casa ao todo. As relações do volume com o entorno indicam que o arquiteto buscava uma escala adequada ao conjunto, porém mantendo a visibilidade do prédio (BOUDON, 2007). Valendo-se de princípios da *gestalt*, Camillo cria proximidade com a via por meio da varanda, ao mesmo tempo que resguarda a casa por meio dos afastamentos. O eixo de movimentação que se cria entre o passeio

público e os aclives e declives no terreno garantem a continuidade em relação ao entorno. Por meio da forma, da vegetação e dos símbolos, a relação de sucessão é assegurada. Assim em um do jogo de escala e relações com o entorno, a casa se qualifica como parte do todo sendo aceita e se destacando sem criar conflitos com o restante do conjunto imediato (NORBERG-SCHULZ, 1975).

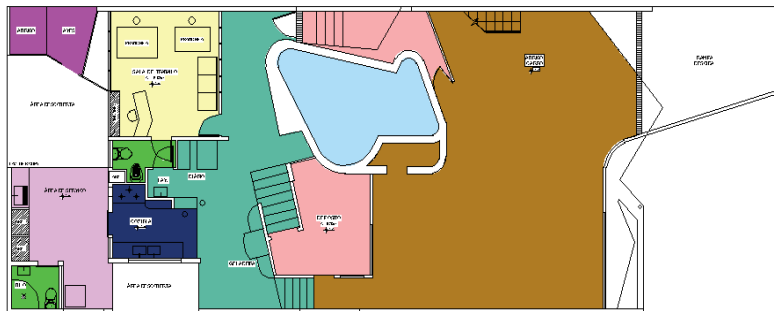
O volume monolítico, liso e prismático, com ângulos que convergem para o centro da massa (Figura 4) lembram as fachadas do Hotel Tijuco de Niemeyer (1951) e o Museu de Arte Moderna de Reidy (1948), criando assim um telhado mariposa. Vigas que atuam como bandejas de luz, pilares que para além da função estrutural servem como ornamentos, assim como a escada flutuante que se tornaria uma marca das produções de Camillo Porto, reforçam o sentido poético desta obra (FRAMPTON, 1999). A integração ao declive do terreno e o uso da estrutura da piscina para criação de dois platôs setoriza a casa, contribuindo com a definição dos níveis (Figura 5).

Figura 4: Redesenho das fachadas frontal e laterais.

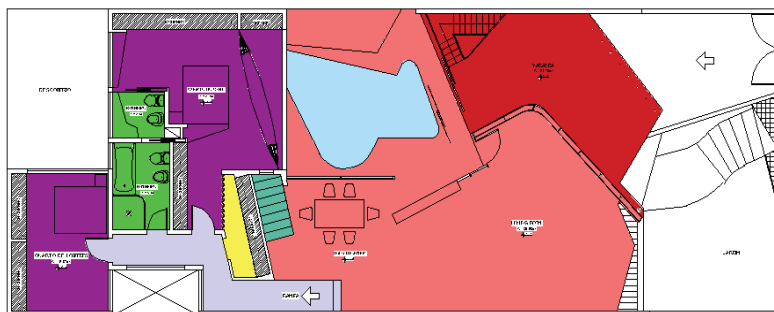


Fonte: Acervo LAHCA – Elaboração: Laura Alves, 2022.

Figura 5: Setorização da casa de Camillo Porto.



PLANTA BAIXA - NÍVEL INFERIOR E INTERMEDIÁRIO (ORIGINAL)  
 Esc: S/E



PLANTA BAIXA - NÍVEL INTERMEDIÁRIO E SUPERIOR (ORIGINAL)  
 Esc: S/E

	PISCINA		GARAGEM		LAVANDERIA		SALA DE TRABALHO
	SALA DE ESTAR/JANTAR/PÁTIO		COZINHA		HALL		ABRIGO DE AVES
	VARANDA		QUARTO		ROUPEIRO		
	BANHEIRO		DIÁRIO		DEPÓSITO		

Fonte: Laura Alves e Jéssica Tavares, 2022.

Nos invólucros, o uso de formas robustas sobre elementos delgados, e os recortes no volume transmitem movimento sem precisar criarem-se curvas angulosas. As vedações com vidro e madeira quebram a monotonia do concreto liso, unido a integração dos níveis ao jogo de luz, evocando sensações diversas à medida que se adentra o prédio (ROCHA, 2012). O uso de materiais naturais e industrializados, cria sofisticação e evoca o futurismo (Figura 6). O uso da pedra preta e da madeira nos pisos, assim como azulejos e metais nos banheiros, e as técnicas locais unidas as industriais ainda incipientes, inauguram um momento compositivo na atuação do arquiteto, recorrendo aos contrastes de texturas, melhoras na compatibilização de estruturas e uso de acabamentos refinados. Como num organismo, a articulação tectônica

entrelaça os componentes construtivos e o sítio, alcançando uma “síntese expressivo-simbólica” (ANDRADE, 2016).

Figura 6: Maquete eletrônica da fachada e pátio central da casa conforme projeto.



Fonte: Jéssica Tavares, 2022.

Na atualidade, predominando o uso residencial no bairro, o fluxo de veículos e transeuntes é baixo, levemente intensificado nos finais de semana pela existência de bares nos arredores. Embora localizada no centro da cidade a casa manteve suas características de escala, visto suas mudanças de uso e de alterações em alguns prédios vizinhos. Nos anos 1960, após a venda da casa, construiu-se na lateral esquerda um volume para abrigar novos ambientes, além da piscina aos fundos do lote. Nos anos 1980 a casa sediará o Consulado do Japão e posteriormente seria vendida e transformada em um local para eventos. O aterramento da piscina central, a substituição das esquadrias de alumínio por esquadrias de madeira, dariam início às grandes mudanças no interior da casa, descaracterizando aspectos do *split-level style*. (Figura 7).

Modificado o uso original da casa, percebe-se a inserção de um muro alto que gerou quebra nas relações com o entorno. Atualmente sediando uma clínica psiquiátrica, a casa adaptou seus interiores para a criação de quartos, enfermarias e consultórios. Tais mudanças geraram uma circulação extremamente fragmentada, espaços desarticulados e privados das relações interior-exterior que estavam na gênese do projeto.

A substituição das superfícies e das vedações por novos materiais, e a pouca atenção dada a conservação do concreto em superfícies externas em vista das patologias que se apresentam, levaram o exemplar a um mediano grau de conservação.

Figura 7: Fotos internas da casa: split-level, pia de cobre e pátio frontal.



Fonte: Gabriel Gaby e Jéssica Tavares, 2019-2022.

### **Afetos, espacialidade, tectônica e conservação**

Em vista do declínio das casas modernas, pode se perceber que este é um processo multifatorial. As mudanças de uso, embora *a priori* pareçam debilitantes à matéria, podem também garantir sua permanência. As alterações decorrentes das mudanças tangem aspectos sociais, culturais e simbólicos que acabam por reconstruir a imagem da casa para as gerações posteriores, distanciando-se da imagem original. As mudanças na relação do homem contemporâneo com os espaços residenciais recorrem a novos programas que uma casa de outro tempo já não é capaz de suprir, iniciando-se os apagamentos em aspectos simbólicos e materiais nos exemplares modernos. A antecipação da obsolescência psicológica afeta a imagem de valor do exemplar junto a sociedade, atraindo um declínio na funcionalidade que convergirã nas mudanças estruturais. As lacunas físicas geradas pelas adaptações levarão a uma obsolescência de qualidade do sistema-casa, o que pode levar a residência ao fim de vida. Cabe ressaltar que este processo se dá em casos em que a manutenção e ações conservativas inexistem (TAVARES, 2022).

Na casa moderna de Camillo Porto, as fortes interações entre espaços interiores e exteriores tornam-se um princípio gênese, que encontra desuso frente à lógica de verticalização no bairro de Batista Campos e as mudanças urbanas de Belém em decorrência das ameaças à segurança na cidade. A eliminação do pátio central corrobora a quebra nas relações do espaço relacional que se abre para o mundo e caracteriza uma assinatura projetual do arquiteto. A escolha da implantação levemente inclinada a sudeste também sofre interferência pelo alto muro construído (Figura 8) e a mudança no fluxo de veículos que não permite aos observadores/passageiros apreciarem a fachada da casa em sua totalidade. O valor de uso do prédio manteve a casa na escala do entorno, considerando-se a interação imanente entre os volumes do conjunto (NORBERG-SCHULZ, 1975). As superfícies e vedações são os elementos que primeiramente são substituídos em decorrência das ações de xilófagos, infiltrações e patologias diversas, além das demandas estéticas e funcionais que dificultam a manutenção e apreciação da imagem dos materiais como desejáveis ou produtos em moda. A estrutura mantém-se por mais tempo, bem como o volume da fachada, embora conseqüentemente este perca muito de seu sentido quando não há mais qualquer relação com as outras partes.

A permanência de uso contribui com a longevidade do exemplar permitindo ações conservativas recorrentes e cotidianas, que desaceleram o declínio físico e conseqüentemente o simbólico, da residência moderna. As casas de Camillo Porto que perderam qualquer tipo de uso e permanecendo fechadas por longos períodos, declinaram rapidamente. Embora seja essencial, essa manutenção de uso deve ser consciente e direcionada à casa moderna. A visão de mundo dos proprietários também se torna um fator extremamente relevante nestes casos. Enquanto na casa de Camillo os posteriores proprietários alteraram drasticamente os espaços e as superfícies, em outros projetos do arquiteto, percebe-se o respeito considerável à matéria e aos espaços, a exemplo da casa de Belisário Dias (1954). À medida que a matéria se deteriora a conservação e valorização destes prédios torna-se mais difícil, distanciando-se de uma imagem desejável à preservação. Declinando-se o valor de novidade, mantendo-se o valor de uso e não se alcançando valor de

antiguidade, estas casas alocam-se num entremeio do antigo e do novo, atraindo pouca atenção ao seu significado.

Figura 8 Fachada atual da casa de Camillo Porto.



Fonte: Jéssica Tavares, 2021.

A mudança nas lógicas de habitação do século XXI, o valor imobiliário destes prédios em grandes lotes de áreas centrais, a monumentalidade e os altos valores de locação, desassocia estes exemplares do ato de morar. Para os proprietários, torna-se mais vantajoso anunciar estas casas como prédios comerciais, em vista também do montante necessário para se manter uma casa deste porte, valor facilmente acumulado por meio de locação comercial. A lógica de habitação vertical ou em condomínios fechados oferece segurança, tranquilidade e *status* que lotes lindeiros não mais proporcionam. Sabe-se ainda que pouca atenção se dá aos aspectos espaciais das obras, limitando-se ações conservativas as fachadas (ROCHA, 2011) e contribuindo com um declínio gradativo e silencioso iniciado nos interiores, o qual não será notado até comprometer a maior parte da estrutura da construção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de produção da casa moderna em Belém se mostra frutífera e de grande valor para o patrimônio material da cidade. Casas de imensurável valor histórico permanecem como símbolos de um passado recente da modernidade que se apresentou na primeira metade do século XX. Os arquitetos e engenheiros que se propuseram a espacializar esta modernidade, podem ser considerados pioneiros da modernidade nesta parte da Amazônia. Entre estes, Camillo Porto destaca-se por sua produção extensa e permeada de representações e de anseios do profissional e seus clientes. Embora ainda exista um expressivo número de residências modernas produzidas por ele, estas

vem sofrendo historicamente mudanças de uso com a finalidade de abrigarem sedes comerciais, de serviços ou mesmo instituições. Algumas destas casas encontram-se irreparavelmente modificadas, enquanto outras foram demolidas após longos períodos de abandono ou venda do lote para novos empreendimentos. A mudança de uso não é em si um ato que deve ser desincentivado, embora necessite de certa orientação e ações educativas que contribuam com a permanência dos edifícios, sejam eles modernos ou não.

A casa deve ser analisada também como um patrimônio econômico. A pressão imobiliária gerada sobre estes bens (principalmente por sua localização privilegiada) considera muitas vezes a preservação como um entrave a novos empreendimentos. Algumas ações de salvaguarda na Europa e nos Estados Unidos mostram-se mais conservadoras ao transformar casas modernas em museus, suprimindo a pressão imobiliária. Nestes casos, a iniciativa vem do próprio arquiteto ou dos proprietários. Outras iniciativas partem da aquisição do imóvel com fim residencial para aluguel por temporada (em rápidas pesquisas *online* é possível encontrar casas de Frank Lloyd Wright e Philip Johnson disponíveis), adaptando-os às exigências contemporâneas, mantendo seu design original e tratando-os como “item de colecionador”. Sob condições parecidas, podemos identificar no Brasil a Casa de Vidro (1950) de Lina Bo Bardi, o Museu Casa Kubitschek (1940) e a Casa das Canoas (1951) de Oscar Niemeyer.

Outro ponto que deve ser incentivado compete à elaboração de um plano de gestão da conservação para residências modernas. Como um instrumento de baixo custo, as orientações e recomendações se dão por meio de um conjunto de documentos técnicos que visam ações integradas e periódicas de manutenção, inspeções e serviços. Consistindo na gestão de uso, de desgaste e declínios naturais dos componentes construtivos, o plano deve ser exposto aos proprietários e usuários como um manual de ações conservativas. Esclarecer aos usuários o valor do prédio bem como munir-los de ferramentas e instrumentos que garantam sua conservação destaca a arquitetura residencial moderna como uma questão da sociedade, ampliando sua possibilidade de permanência.

A casa de Camillo Porto em Belém é um exemplo de que o uso deve ser incentivado, porém orientado, em vista de muitas das características projetuais perdidas, e a permanência de estruturas, invólucros e superfícies. As relações com o entorno são as mais afetadas, tornando o prédio uma fortaleza com acesso extremamente restrito. A ruptura exterior-interior, um dos princípios da arquitetura moderna, corrobora o declínio simbólico destas construções. Uma vez que os princípios e símbolos da casa moderna não atendem mais aos anseios de um grupo, iniciam-se apagamentos materiais. A rapidez com que estes se dão acaba por impossibilitar análises mais extensas que dão base a uma construção historiográfica relevante, enfatizando o valor destas construções para a história da cidade e contribuindo com sua conservação e longevidade.

Embora possa parecer controverso olhar para esta arquitetura nestes termos, visto sua pouca idade em relação a outras arquiteturas, cabe a nós traçarmos debates acerca deste tema. Permitir que uma obsolescência material, funcional e simbólica se agigante, pode ser fatal para estes exemplares ao ponto de não nos sobrar qualquer reminiscência. Superar as questões de

'gosto' também é uma pauta que deve ser debatida neste cenário, e embora a arquitetura do concreto não seja a princípio tão atraente quanto a dos movimentos de vanguarda do início do século XX, segue em continuidade. Sua linguagem, formas, materiais e técnicas, e seu legado como representante de um novo espírito moderno, tem resultados presentes ainda em nosso tempo.

Este artigo é resultado parcial de uma pesquisa de mestrado desenvolvida pelo Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa que permitiu a produção deste trabalho, por meio da bolsa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA. À toda a equipe do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA), por sua colaboração e apoio necessários para a produção da pesquisa em questão. À família Porto de Oliveira por suas narrativas sobre a atuação do Arquiteto Camillo Porto. Aos arquitetos Gabriel Gaby e Alcione Oliveira, por nos fornecerem documentos sobre o objeto de estudo. À professora Idanise Hamoy e ao seu pai, senhor Hélio, que nos receberam em sua casa e ajudaram com as fotos da casa de Camillo Porto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Alcília. Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 4, n. 3, p. 54-70, 2019. DOI: 10.21680/2448-296X.2019v4n3ID18778. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/18778>. Acesso em: 25 out. 2024.
- ANDRADE, Rogério Pontes. **Matrizes tectônicas da arquitetura moderna brasileira 1940 – 1960**. 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- BOUDON, Philippe. Do espaço arquitetural ao espaço da concepção. In: DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P.A.; AZEVEDO, G. e BRONSTEIN, L. (Org.) **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2007, p. 42-50.
- CALDUCH CERVERA, Juan. El declive de la arquitectura moderna: deterioro, obsolescencia, ruina. **Palapa**, Colima, vol. IV, núm. II, p. 29-43, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- CHAVES, C.; NUNES DE MORAES, R. La modernización urbana como acción de política externa. Belém (PA) y Estados Unidos (1930-1960). **Limaq**, v. 12, n. 012, p. 183-204, 22 nov. 2023.
- CHAVES, Celma. Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 094.06, Vitruvius, mar. 2008.

CHAVES, Celma. Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia. **Revista Amazônia Moderna**, Palmas, v.1, n.1, p.26-43, abr.-set. 2017.

CHAVES, Celma. **La Arquitectura en Belém, 1930-1970**: uma modernización dispersa com lenguajes cambiantes. 2004. Tese (Doutorado) - Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona de la Universidad Politécnica da Cataluña, Barcelona, 2004.

DENSLAGEN, Win. **Romantic Modernism. Nostalgia in the World of Conservation**. Translated by Donald Gardner. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.

FERREIRA DE SOUZA, L.; CHAVES, C. Os primeiros arquitetos do Pará: A ausência de diversidade no exercício da Arquitetura Moderna de Belém (1964 a 1970). **Revista Thésis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 2023. DOI: 10.51924/revthesis.2023.v8.399. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/399>. Acesso em: 17 dez. 2024.

FRAMPTON, Kenneth. **Estudios sobre cultura tectonóica. Poéticas de la construcción em la arquitetura de los siglos XIX y XX**. Madrid: Ediciones Akal, 1999.

GROAT, Linda; WANG, David. **Architectural Research Methods**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013.

HERNÁNDEZ, Manuel. **La casa en la arquitectura moderna. Respuesta a la cuestión de la vivienda**. Barcelona: Editorial Reverté, 2014.

JANJULIO, Maristela da Silva. **A arquitetura doméstica da classe média paulistana nos anos 1950**: o "bem viver" moderno. 2014. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014.

MATTOS, Melissa Laus. **Ecos da modernidade no Alto Uruguai gaúcho**: o caso de Erechim. 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Nuevos caminos de la arquitetura. Existencia, Espacio y Arquitectura**. Barcelona: Editorial Blume, 1975.

OKSMAN, Silvio. **Contradições da preservação da arquitetura moderna**. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre fenomenologia da arquitetura. In: Nesbitt, Kate (org). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965 – 1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 481-489.

PONT VIDAL, Celma Chaves; DE ARAÚJO LIMA, George Bruno. Cidade e modernidade: Processos de modernização urbana em Belém do Pará entre 1930-1960. **Registros**. Revista de Investigación Histórica, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 88–112, 2018. Disponível em: <https://revistasfaud.mdp.edu.ar/registros/article/view/236>. Acesso em: 17 dic. 2024.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O que é o pátio interno? – parte 1. **Arquitextos**, São Paulo, ano 06, n. 063.06, Vitruvius, set. 2005a. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/436>. Acesso em: 25 out. 2024.

ROCHA, Germana Costa. **O caráter tectônico do moderno brasileiro: Bernardes e Campello na Paraíba (1970-1980)**. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Tecnologia, Departamento de Arquitetura, Natal, 2012.

ROCHA, Mércia Parente. **Patrimônio arquitetônico moderno: do debate às intervenções**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ROSATTI, Camila Gui. Habitar o moderno: *habitus* e estilo de vida conformando os modos de morar. **PROA: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, SP, v. 2, n. 9, p. 18 - 46, 2019. DOI: 10.20396/proa.v9i2.17350. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17350>. Acesso em: 25 out. 2024.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar**. São Paulo: Edições SESC, 2016.

STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica**; tradução Lenise Garcia Corrêa Barbosa; revisão técnica Sylvia Ficher. Brasília: UNB, 2003.

TAVARES, Jéssica Barbosa. **Os tempos da arquitetura moderna: permanência, obsolescência e conservação. Duas casas de Camillo Porto em Belém**. 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2022.

VIDAL, Celma Chaves de Souza Pont; LIMA, Izabelle Machado. **CASAS MODERNAS EM BELÉM (PA)**. Documentação e representação de um novo modo de morar. **RCT - Revista de Ciência e Tecnologia**, [S.l.], July 2021.

WAISMAN, Marina. **O interior da história. Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> O artigo é parte da abordagem desenvolvida em dissertação de mestrado da autora, defendida em 2022 no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo na UFPA.

<sup>2</sup> Filha do Drº Edgar Porto e neta de Arthur Theodulo Porto, desembargador paraense, nascido em Pernambuco. Foi um intelectual, educador, fundador do Colégio Progresso Paraense, e autor da letra do Hino do Pará.

<sup>3</sup> Informação coletada em entrevista com Edila Emília Porto de Oliveira, cunhada de Camillo Porto.